



O contributo das humanidades para o ensino do jornalismo

Autor(es): Peixinho, Ana Teresa

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/41222>

DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/2183-6019_3_7

Accessed : 15-Sep-2019 14:19:25

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



*revista de comunicação,
jornalismo e espaço público*

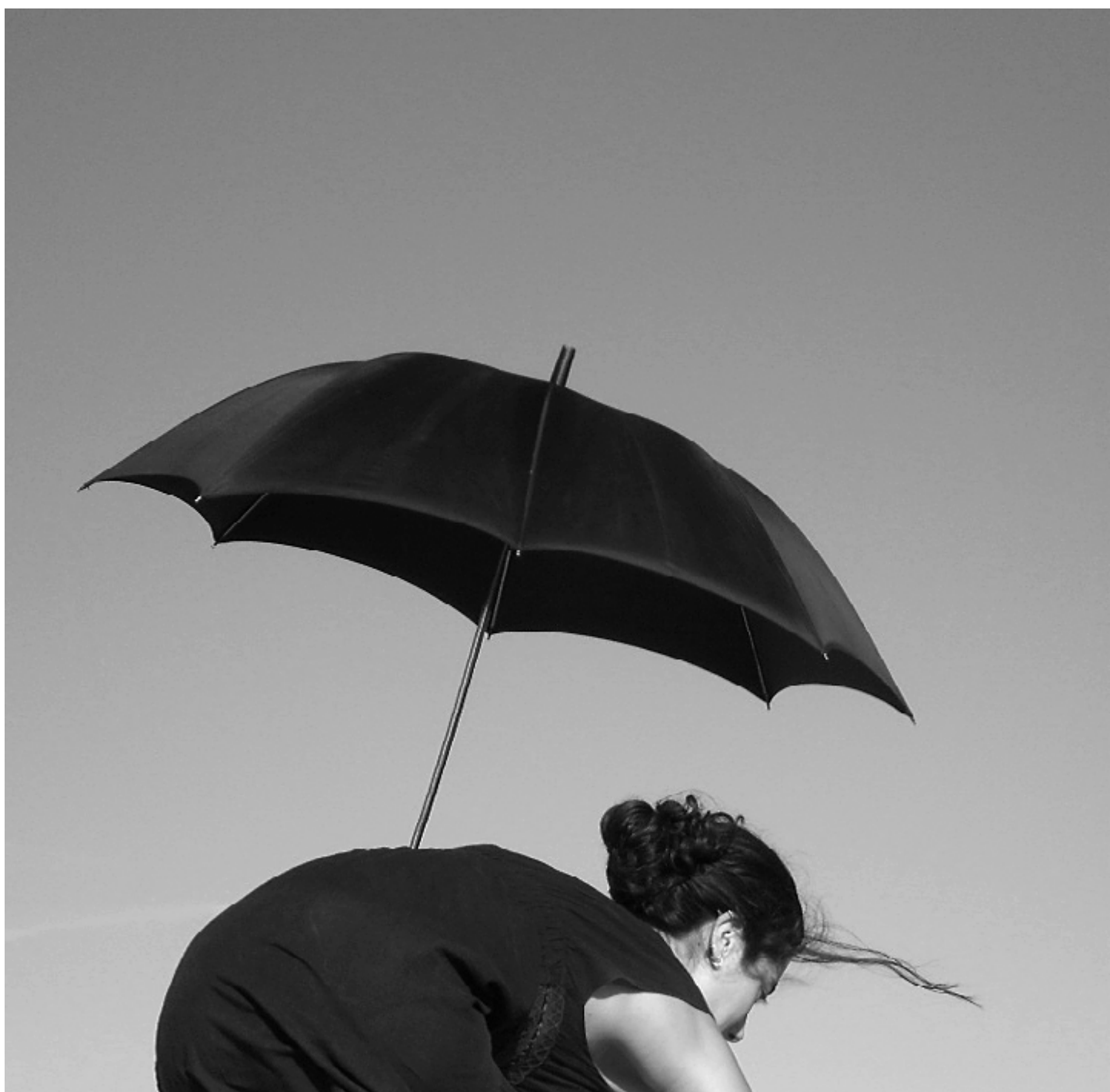
3

Periodicidade
Semestral

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press

mediapolis

tema
**o ensino do jornalismo
no século XXI**





O contributo das humanidades para o ensino do jornalismo¹

The liberal arts contribution to journalism education

https://doi.org/10.14195/2183-6019_3_7

Resumo:

Durante décadas, uma considerável parte da discussão sobre o ensino do Jornalismo em Portugal focou-se, sobretudo, em aspetos que diziam respeito, por um lado, à antítese prática / teoria e, por outro lado, à necessidade de adaptação tecnológica dos *curricula*, a fim de responderem à acelerada mudança das tecnologias da informação e da comunicação.

Neste artigo, defende-se o valor das Humanidades na formação dos jornalistas, atendendo aos desafios que atualmente se colocam à profissão. Ora, uma formação universitária em Jornalismo tem de estar preparada para conseguir precisamente dotar os estudantes de um conjunto de saberes e competências que lhes permitam respeitar as questões éticas e deontológicas inerentes à profissão; perceber que o mundo multicultural, multilinguístico e, sobretudo, multimédia, implica novos desafios éticos e realidades mais complexas que exigem uma estrutura de pensamento mais sólida e, sobretudo, a capacidade de pensar e resolver problemas mais complexos e sensíveis.

Palavras-chave: Educação, Humanidades, jornalismo, academia, graduação

Abstract:

For decades, a considerable part of the discussion on the journalism education in Portugal focused mainly on aspects that concerned, on the one hand, the antithesis practice / theory and, on the other hand, the need for technological adaptation of *curricula*, in order to respond to the rapid change of information and communication technologies.

In this article, we defend the value of the humanities in the training of journalists, in view of the challenges that the profession currently faces. Now a university education in journalism must be prepared to provide students with a set of knowledge and skills to meet the ethical issues inherent to the profession; realize that the multicultural world, multilingual and, above all, multimedia, involves new ethical challenges and more complex realities that require a more solid structure of thought and, above all, the ability to think and solve most complex and sensitive issues.

Keywords: Education, humanities, journalism, academy, graduation

1 Este texto resulta de uma comunicação apresentada ao Congresso Internacional Ensino do Jornalismo no Século XXI, organizado pelo Grupo *Media*, Comunicação e Espaço Público do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20), em dezembro de 2014, tendo sido a sua versão original publicada na Revista *Biblos* N.º1, 3.ª Série. Para o presente número da *Mediapolis*, o texto foi revisto, reescrito e acrescentado.

O Dilema: o que ensinar a jornalistas?

A partir do momento em que ser jornalista passou a depender em parte da possibilidade de formação superior especializada, nasceu o debate, ainda em aberto, sobre como deve ser pensada e construída essa formação. Mais do que em qualquer outra área profissional, esta tem sido constantemente equacionada, criticada e posta em causa, certamente devido à sua exposição pública, mas também ao facto de a formação universitária na área ser um fenómeno relativamente recente, com pouco mais de quatro décadas¹.

1 O primeiro curso universitário de Jornalismo – ou seja aquele que assume o nome da profissão no seu título – data de 1993 e foi criado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Contudo, em termos nacionais, coube à Universidade Nova de Lisboa a criação da primeira licenciatura na área (“Em Portugal, o primeiro curso de graduação em Comunicação Social surgiu somente em 1979, na Universidade Nova de Lisboa (UNL); o primeiro curso que optou pela designação de Jornalismo data de 1993 e foi implementado na Universidade de Coimbra; e só em 1986, foi fundada a primeira escola superior devotada especificamente ao ensino do Jornalismo: a Escola Superior de Jornalismo do Porto.” (Sousa, 2009, p. 1).

Também se sabe que a criação dos primeiros cursos superiores universitários em Jornalismo não decorreu sem polémica: se, por um lado, a formação superior credibilizava socialmente a profissão, garantindo simultaneamente o reforço epistemológico de uma nova área do saber e a dignificação, requalificação e autonomia da profissão; por outro lado, cedo se levantaram opiniões dissonantes, segundo as quais a *tarimba* – leia-se, ensino fundado na imersão prática em ambiente de trabalho – continuaria a ser a melhor metodologia para formar estes profissionais².

Durante algum tempo, uma considerável parte da discussão sobre o ensino do Jornalismo em Portugal focou-se, sobretudo, em aspetos que diziam respeito, por um lado, ao dilema prática / teoria e, por outro lado, à necessidade de adaptação tecnológica dos *curricula*, a fim de responderem

2 Segundo Mário Mesquita, em 1992, o Sindicato dos Jornalistas criticava os cursos universitários à data existentes no país, considerando-os demasiado teóricos e desligados da atividade profissional. Contudo, é interessante verificar que uma das objeções levantadas por estas vozes críticas se refere à “insuficiência de disciplinas de carácter formativo e cultural” (*apud* Mesquita, 1994: 91).

à acelerada mudança das tecnologias da informação e da comunicação³. Ambas as questões merecem uma análise bem mais circunstanciada, pois parecem fundar-se em equívocos que algumas vezes, de reconhecido mérito e prestígio do mundo académico, têm tentado dirimir (Correia, s/d; Fidalgo, s/d). Além do mais, limitar a discussão em torno destes dois tópicos contorna a reconhecida complexidade do Jornalismo, entendido como campo poliédrico composto pelas suas vertentes profissional e deontológica, ética, comunicacional e técnica.

Contudo, é interessante verificar que, atualmente, a A3ES, Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino

3 Como explica Sandra Marinho num artigo sobre a questão: “É comum a discussão sobre o ensino em jornalismo desenrolar-se em torno das dicotomias teoria/prática ou ensino académico/ensino orientado para o exercício de competências ou ainda a questão de saber se o jornalismo deverá ser entendido enquanto campo de estudo, investigação e ensino autónomo ou como uma parte da área científica das ciências da comunicação. Deste debate emergem paradigmas de formação, discutidos e colocados em causa, essencialmente no meio académico, mas, habitualmente, o resultado destas discussões não se reflete ao nível dos processos de reestruturação dos projetos em concreto” (Marinho, 2006: 5).

Insistir na construção de formação graduada, demasiado especializada e fundada essencialmente em saberes das Ciências da Comunicação e das técnicas de Jornalismo, é, na nossa opinião, um erro

Superior, responsável pela creditação dos cursos superiores em Portugal, continua a ser caixa de ressonância de alguns destes dilemas, em nosso ver, falaciosos e assentes em fundamentos facilmente rebatíveis. A título de exemplo, tome-se de empréstimo alguns dos comentários e sugestões presentes no último relatório de avaliação ao curso de Jornalismo da Universidade de Coimbra, em 2013.

A propósito do perfil da então diretora de curso, apesar de tudo considerado “adequado”, dizem os avaliadores o seguinte:

A docente responsável por este ciclo de estudos tem doutoramento em Ciências da Comunicação pela Universidade de Coimbra – área essa afim à licenciatura em Jornalismo –, mestrado em Literatura Portuguesa e licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas. Apesar destas duas últimas não coincidirem estritamente com a área do curso sob avaliação, a docente canaliza o seu conhecimento de estudos literários para a área do Jornalismo, o que é visível nas fichas curriculares das

disciplinas por si leccionadas. O facto de o curso se enquadrar no âmbito da Faculdade de Letras torna a formação desta docente adequada ao contexto⁴.

Num outro momento do mesmo relatório, consideram os avaliadores que as quatro unidades curriculares de opção livre, de que o curso de Jornalismo então dispunha, representavam um “desperdício”, pois eram escolhidas pelos/as estudantes em função das classificações elevadas e constituíam um desvio em relação ao núcleo duro da área de saber do Jornalismo:

Ao nível curricular, enfatiza-se que as quatro unidades curriculares de opção livre estão a ser desperdiçadas pois os alunos escolhem-nas com base na facilidade em obter uma classificação elevada. Propõe-se proceder a uma ligeira readaptação curricular com vista a transformar duas das quatro

⁴ Cf. ACEF/1213/07867 — Relatório preliminar da CAE, ponto A.11.4.2 (negrito da nossa responsabilidade).

*unidades curriculares opcionais em opções condicionadas*⁵.

Estas duas citações parecem traduzir um claro posicionamento de defesa de uma área de estudos – o Jornalismo – entendida como altamente especializada. Embora se reconheça, através de comentários dispersos ao longo do relatório, que a formação ministrada neste curso é adequada, não deixa de perpassar uma certa visão restritiva do ensino do jornalismo que deve, e cita-se, “integrar (os estudantes) numa vertente mais profissionalizante que é cada vez mais uma exigência das empresas”.

A um outro nível, também parece não ter havido ainda a coragem política suficiente para enfrentar certos interesses instalados e ousar refletir sobre a pertinência de formação universitária em Jornalismo, a nível de primeiro ciclo. Esta é, aliás, uma discussão que, não se esgotando no âmbito deste texto, merece uma reflexão aprofundada: será a formação universitária em Jornalismo adequada

a graus de licenciatura? Não possuímos uma resposta conclusiva para esta questão, inclusive porque são mais as dúvidas do que as certezas, contudo, duvidamos de que, para se ser jornalista, diremos mesmo, para se ser um bom jornalista, deva ser exigível uma licenciatura específica na área⁶. O jornalismo arrasta consigo um problema que é também congénito a outras áreas profissionais: os seus profissionais são sobretudo “especialistas em generalidades” por terem de ser mediadores de um campo muito amplo da fenomenologia social, em que temas, assuntos e atores provêm de áreas diversificadas, muitas vezes, opostas. Ora, insistir na construção de formação graduada, demasiado especializada e fundada essencialmente em saberes das Ciências da Comunicação e das técnicas de Jornalismo,

é, na nossa opinião, um erro. Um erro decorrente de uma visão estreita quer do que se pretende com uma formação universitária, quer do que se espera de um jornalista como profissional.

Entendendo, com Bill Kovach e Tom Rosentiel, que “a finalidade do jornalismo não é definida pela tecnologia nem pelos jornalistas ou pelas técnicas que estes empregam, mas pela função que as notícias desempenham na vida das pessoas” (Kovach; Rosentiel, 2004, p. 15), dir-se-á que, apesar de tudo, pensar criticamente modelos de ensino e de preparação de jornalistas é absolutamente vital para a saúde das democracias e para a construção de espaços públicos plurais, informados e com capacidade crítica. Porém, implica igualmente que se abandone de vez a discussão maniqueísta do ensino teórico ou prático – esgotada e infértil – e que se assuma que qualquer área de licenciatura pode dar origem a bons profissionais do jornalismo, desde que preparados para o *métier* posteriormente. Embora se deva reconhecer a distância cultural dos contextos, creio que é importante olhar para as grandes escolas de jornalismo norte-americanas,

6 A OBERCOM, em 2010, produziu um relatório sobre os desafios do Jornalismo, fundado num conjunto de 212 entrevistas a jornalistas dos mais diversos órgãos de comunicação social. É interessante verificar que 58% dos inquiridos concorda com a exigência de formação superior para acesso à profissão, mas, quando questionados sobre a especificidade dessa formação, 45,3% entende que ela não tem necessariamente de ser em Jornalismo (Obercom, 2010: 12-14).

5 Cf. ACEF/1213/07867 — Relatório preliminar da CAE.

que apostam claramente na formação pós-graduada, em que admitem licenciados em outras áreas do saber. E, já agora, citar a *The Economist* que, há uns anos, declarou preferir um cientista que domine corretamente a expressão escrita a um repórter que entenda alguma coisa de ciência.

Inquestionável, porém, parece ser a constatação de que o futuro da educação para o jornalismo está vinculado ao futuro do jornalismo, pois, sem uma preparação sólida e inovadora, este será cada vez mais frágil, correndo sérios riscos de se descaracterizar e perder a sua utilidade social, cívica e política: “O futuro do ensino de jornalismo está ligado ao futuro do próprio jornalismo. Cada um é capturado dentro do vórtice do outro, ambos girando dentro do tumulto de mudança da atualidade”, afirma Howard Finberg, num discurso proferido em 2012 no European Journalism Center (Finberg, 2012).

A dificuldade encontra-se precisamente na consensualização e na concretização desse tal modelo “sólido e inovador” que, estamos certos, cada Escola de Jornalismo procura. Sobretudo num contexto em que são

tantos os obstáculos e as ameaças à profissão, a resposta não é simples nem consensual. O que ensinar a futuros jornalistas, num mundo em aceleração vertiginosa e no quadro de uma perigosa desprofissionalização? Como entender hoje o Jornalismo, como atividade matricial e estruturante da democracia, num mundo ocidental em rutura? Como conciliar os princípios e valores de um ensino de qualidade com as exigências, de ética e gosto duvidáveis, que os potenciais empregadores – leia-se, as empresas de *media* - impõem a quem ingressa no mercado de trabalho? Como preparar jornalistas num mundo em que cada cidadão tem acesso a instrumentos e ferramentas que lhe permitem produzir informação e partilhá-la com milhões de outros cidadãos?

Algumas destas questões têm sido objeto de reflexão por professores de Jornalismo um pouco por todo o mundo ocidental, que se interrogam sobre que ensino para o jornalismo do século XXI. Porém, há que passar da retórica à prática: bem sabemos que entre uma e outra, há sempre um longo percurso. Neste caso específico, o problema, contudo, são os caminhos para

o conseguir e a sobredeterminação tecnológica que submete o jornalismo hoje exclusivamente a uma economia dos *media* que, por seu turno, parece impensável fora de uma economia dos meios, isto é, da tecnologia. Como acontece nas áreas clássicas das Humanidades, também no jornalismo, a questão central, parece ser esta: qual o espaço institucional que permite que o jornalismo seja, não apenas um regime hipertécnico de representação da atualidade, mas uma modalidade realmente estratégica de pensar o contemporâneo? Como nas Humanidades tradicionais, diria que esse espaço, cada vez mais uma espécie de último reduto para pensar o espaço público, é a universidade. Só ela pode garantir a produção de pensamento crítico sobre aquilo que acontece. A questão está em saber como conciliar formação inicial com o que vem depois da entrada do jornalista na vertigem dos *media* atuais.

Um caminho: o reforço das Humanidades

Na opinião de Mitchell Stephens, professor de Jornalismo na New York

University⁷, os desafios da contemporaneidade exigem que se pense, com urgência, uma radical transformação dos modelos de ensino do Jornalismo, espartilhados há décadas por fórmulas demasiado normativas, excessivamente centradas no campo do “saber fazer” jornalístico. O mundo académico deve, segundo o autor, repensar o modo de formar jornalistas, abrindo-lhes horizontes, ousando ‘ir mais além’, incentivando a criatividade e possibilitando o contacto dos jovens universitários com novas formas de reportar, com estilos de texto e de escrita mais complexos (Stephens, 2010, p. 38-46).

Partindo do conhecimento dos *curricula* dos cursos de graduação universitários portugueses que formam jornalistas⁸, tenta-se, agora, problematizar a importância crucial das Humanidades para a formação superior dos

jornalistas, sobretudo num tempo de indefinições e de paradoxos em que certos grupos sociais, por vezes com grandes responsabilidades, tentam fazer passar a mensagem enganosa de que o aparato técnico dos *curricula* e as capacidades tecnológicas são as condições indispensáveis para uma formação atualizada, global e digna do século XXI⁹.

Neste sentido, e inspirando-nos no desafiante manifesto de M. Stephens, pretende-se sustentar a ideia de que ensinar Jornalismo, sobretudo quando no contexto de uma formação universitária, implica necessariamente a oferta de uma formação tão vasta quanto possível, que assente sobretudo num conhecimento das áreas fundadoras das Humanidades e das

*Ponderar as
funções do
Jornalismo
nas sociedades
atuais implica
necessariamente
uma reflexão
aprofundada sobre
a complexidade
do mundo e dessas
mesmas sociedades*

7 Em 2010, na revista *Les Cahiers de Journalisme*, Mitchell Stephens, professor de Jornalismo na Universidade de Nova Iorque, publicou um artigo, em forma de manifesto, em que reivindica, de forma sustentada e circunstanciada, uma urgente e radical alteração das práticas e dos conteúdos dos *curricula* universitários de jornalismo.

8 Sobre este tema veja-se: Teixeira, 2010; Coelho, 2013.

9 Alguns académicos, professores de Comunicação, já exprimiram esta mesma opinião: Moisés de Lemos Martins defende que “elas (as tecnologias) não garantem, por si só, novas práticas sociais. Não é a questão técnica que é decisiva, e sim a questão cultural” (Martins, 2010: 12). Opinião similar tem António Fidalgo, professor de Comunicação e Reitor da Universidade da Beira Interior, para quem “a melhor maneira de aproveitar as tremendas possibilidades abertas pelo novo meio é alicerçar o gosto pela experimentação no repositório de um sólido saber já constituído, nomeadamente cultural e humanístico” (Fidalgo, s/d: 7).

Ciências Sociais. Uma formação inicial de banda larga é aquela que melhor serve estes objetivos, um pouco à semelhança do que a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) está a pôr em prática no seu Curso de Jornalismo e Comunicação.

Vale a pena determo-nos um pouco neste projeto formativo, não porque se considere este o exemplo modelar e perfeito, mas porque dispõe de potencial científico e pedagógico que nos parece profícuo na formação de jornalistas. O primeiro ciclo de Jornalismo e Comunicação da FLUC está estruturado em quatro áreas articuladas, cada uma com o seu peso específico de ECTS (European Credits Transfer System): i) a área de iniciação (que oferece a possibilidade de o/a estudante escolher, logo no primeiro semestre do curso, três unidades curriculares de introdução ao saber humanístico; ii) a área de especialização (que representa o leque de 18 unidades curriculares específicas e matriciais do curso); iii) a área de formação geral (que possibilita, a quem pretenda fazê-lo, a frequência de 4 unidades curriculares de qualquer licenciatura da Universidade de Coimbra); iv)

a área de concentração complementar (que consiste num conjunto de 5 unidades curriculares de outra área do saber, distinta da do curso de origem, podendo representar um *menor*). Feito este percurso, o licenciado em jornalismo e comunicação pela FLUC adquire não apenas conhecimentos e competências técnicas e teóricas da área do Jornalismo e da Comunicação, mas enriquece o seu plano de estudos com outras áreas do saber que serão seguramente vantajosas no desempenho futuro da sua profissão. Este modelo oferece ao estudante a possibilidade de, sem prejudicar os objetivos específicos do curso, usufruir de um conjunto de áreas disciplinares das Humanidades e Ciências Sociais, que se traduzem no sustentáculo e na base do saber técnico: a Língua, a Filosofia, a História, a Literatura, mas também a Sociologia, o Direito, a Antropologia, a Economia, áreas incontornáveis na formação de base de um profissional que tem como missão construir a opinião pública, mediar o real e transformar a sua complexidade em discursos apreensíveis pelos públicos.

Numa obra relativamente recente, *Informing the News*, o professor da

Harvard Kennedy School, Thomas Patterson, comenta que o problema da educação e da formação de jornalistas é absolutamente prioritário e tem de preparar os profissionais para um mundo complexo, rápido, fugaz, com excesso de informação e de ruído. Chega mesmo a apontar os défices de conhecimento dos jornalistas como os responsáveis pela sua vulnerabilidade às fontes, tornando-os incapazes de formar e esclarecer a opinião pública (Patterson, 2013). Ora, as insuficiências a que o autor alude não dizem respeito ao saber técnico ou normativo, antes ao conhecimento do mundo e de áreas que o fomentam e estimulam.

Renunciando ao deslumbramento tecnológico, segundo o qual as sociedades evoluem carreadas pelas descobertas e inovações tecnológicas, ponderar as funções do Jornalismo nas sociedades atuais implica necessariamente uma reflexão aprofundada sobre a complexidade do mundo e dessas mesmas sociedades, pelo que seria redutor acantonar esse pensamento em mera ilusão técnica ou tecnológica. Entendendo que o saber técnico, o *saber fazer*, se assimila de modo mais rápido e deve, naturalmente,

ser entendido sobretudo como uma ferramenta, acreditamos que saber pensar, refletir criticamente, perceber a complexidade do mundo que somos e que construímos, são componentes intelectuais fulcrais na formação universitária dos futuros jornalistas, exigindo um processo educativo e de formação muito mais moroso e difícil do que o primeiro. Apoiamo-nos nas palavras de António Fidalgo, para quem:

Em contacto intensivo com as técnicas os alunos dão-se conta de que estas se aprendem num relativo espaço de tempo, mas que o difícil é a componente intelectual, criativa. É neste momento que retornam à componente teórica do curso e, talvez pela primeira vez, a encaram como um elemento imprescindível na sua formação, como iluminadora do que é prático, apercebendo-se que qualquer prática assenta numa teoria (Fidalgo, s/d, p. 8).

Perante os desafios que, nos dias de hoje, se colocam aos *media* e aos seus profissionais, estamos convictos

de que é este o caminho para a formação de jornalistas mais cultos, mais qualificados, mais criativos, capazes de gerir a complexa grelha de códigos que enforma a realidade, por um lado, e, por outro, oferecer resistência aos espartilhos económicos, mercantis e políticos impostos à profissão, num mercado hiperconcorrencial e em crise. Mais: num tempo em que é preciso decidir bem e mais depressa, isso quer dizer que só os que tiverem uma preparação consistente, sólida e segura, vão ser capazes de responder a essas exigências.

A questão dos meios, num sentido profundo, sempre foi uma questão de velocidade, contudo, hoje, o ponto crítico, para o universo do jornalismo e da comunicação, é que a evolução tecnológica nos levou àquele ponto em que a velocidade permite a quase simultaneidade entre evento e mediação fazendo recuar drasticamente o espaço da própria “mediação”, que fomos habituados a pensar como um espaço de “representação crítica”, coisa que se torna cada vez mais difícil. Não nos parece que, na atual conjuntura tecnológica e mediática, a maioria dos jornalistas possa dispor de tempo

de pensamento e reflexão crítica. O jornalismo, como prática profissional, está a viver uma mudança radical de paradigma que inverteu a ordem dos valores e a própria perceção da realidade¹⁰. Para Juan Luís Cebrián, presidente executivo do grupo Prisa e antigo jornalista, o principal detonador desta revolução é a WEB e aquilo que com ela se alterou profundamente nas nossas vidas, no nosso modo de pensar, na forma como construímos relações com os outros e, sobretudo, nos processos de mediação¹¹.

Numa época em que o Jornalismo enfrenta, a vários níveis, ameaças de natureza diversificada, é importante que a formação de jovens aspirantes a jornalistas ensine a pensar, a

¹⁰ “La prensa, como espina dorsal de las democracias, se encuentra ahora en medio de una lucha de supervivencia. No se trata, como en otras ocasiones, de que padezcamos una crisis coyuntural o de la necesidad de acoplarnos a los nuevos tiempos y servirnos de las nuevas técnicas. Nos encontramos ante un cambio de paradigma que ha trastocado el orden de los valores y el entendimiento de la realidad.” (Cebrián, 2015).

¹¹ Já em 1998, antes da viragem do milénio, Deni Elliott explicava a crise do Jornalismo como um “confronto de paradigmas” em que os valores de objetividade eram atropelados pela velocidade da informação (*apud* Mesquita, 2003: 55).

estabelecer relações complexas, a valorizar a memória, a decodificar, problematizar e compreender a complexidade do mundo. Sem os instrumentos epistemológicos da Filosofia, da História, da Literatura, da Geografia, da Sociologia, das Artes, das Ciências da Linguagem tal não será possível, pois que são elas as guardiãs de um conjunto de valores irrenunciáveis para quem se habilita a traduzir o mundo, dando-o a ler aos outros. Por tudo isto, não temos dúvidas de que hoje, mais do que nunca, a Universidade tem uma missão vital e de suma importância na formação dos jornalistas.

Uma proposta de modelo

Só uma formação caleidoscópica, capaz de suscitar quadros de pensamento interdisciplinares, se adequa aos novos desafios com que se confronta a profissão no mundo atual. Se o Jornalismo continuar a ser ensinado como um conjunto de ferramentas e de técnicas, ele não passará disso mesmo: uma ferramenta e uma técnica que, como a História nos ensina, rapidamente ficará obsoleta. Se circunscrevermos o ensino do Jornalismo

ao grande chapéu das Ciências da Comunicação, como alguns cursos nacionais ainda insistem, ele deixará de ser uma atividade de leitura e de decifração do mundo, para passar a ser uma atividade de autoanálise permanente. Ora, o Jornalismo é ou deve ser uma atividade intelectual – condicente com o que foi na sua origem – que acompanha crítica e analiticamente as sociedades e os povos. A cultura geral, o domínio da língua, o pensamento abstrato, a capacidade para ler e decifrar dados, o conhecimento dos grandes movimentos políticos e sociais do mundo, o domínio das fronteiras geopolíticas, são valências que só uma formação heterogênea e solidamente fundada nos saberes matriciais das Humanidades e das Ciências Sociais conseguirá carrear.

Criado na Alemanha em 2010, o movimento *slow media* – cujo nome anuncia já uma rutura com o sistema instituído – sustenta que o jornalismo “é uma profissão que precisa de tempo”, quando o seu exercício atual se resume em correr mais depressa que o respetivo concorrente. No manifesto deste movimento, publicado online, são discriminados catorze pontos

fundamentais que apontam precisamente para a urgência desta viragem. Deles realçam-se sobretudo três: i) a aposta na complexidade discursiva, investindo no dialogismo narrativo; ii) o investimento na qualidade e na credibilidade, fundadas no respeito pelos leitores/espectadores; iii) o uso das novas tecnologias como instrumentos e não como um fim em si. No fundo, este movimento pretende devolver as bases matriciais que sustentaram, durante quase dois séculos, um ideal de jornalismo, humanizando-o: espaço discursivo de mediação, essencial para a construção de um espaço público democrático, multicultural, livre e diverso. Embora o ecossistema mediático, tal como existe na realidade, seja a antítese daquilo que este movimento preconiza, certo é que convém encarar seriamente algumas destas soluções, em nome da revitalização do jornalismo e do futuro da profissão. Ora esse futuro não está, ao contrário do que preconiza Felisbela Lopes, exclusivamente nas mãos dos jornalistas:

A renovação do jornalismo é uma competência exclusiva dos jornalistas. São eles que devem

reformatar um campo que lhes pertence. São eles que se devem reinventar a si próprios. São eles que devem reinventar um futuro para o jornalismo (Lopes, 2015, p. 173).

Se não deixamos de subscrever a necessidade de reinvenção da profissão, somos da opinião que ela passa necessariamente pela conjugação de um conjunto de forças e de vetores que não estão ao alcance dos jornalistas como grupo profissional: por um lado, essa renovação tem forçosamente de ser feita a jusante, ou seja, na educação e formação dos públicos, por outro, ela deve necessariamente começar a montante, nas escolas de jornalismo. E aqui, acreditamos que só uma formação universitária de banda larga, enriquecida com sólidas bases do saber humanístico, será capaz de fazer a diferença.

Esta tese é olhada, estamos certos, com grande desconfiança e até com alguma displicência por muitos académicos, cujas motivações podem ser muito diversificadas. Contudo, ela vem sendo paulatinamente recuperada por diversos autores, como Stuart

Adam que, em 2010, publicou um artigo com o sugestivo título “Studying Journalism: a Civic and Literary Education”, em que defende que a chave para se proceder a uma séria reforma no ensino do Jornalismo passa pelo respeito e integração, nos *curricula*, de saberes cívicos, humanísticos e literários que habilmente devem ser articulados com práticas profissionais.

Em tese de doutoramento recente, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Pedro Coelho ambiciona propor um modelo de formação académica para os jornalistas do século XXI. No seu último capítulo, sugere mesmo um plano de estudos que, em sua opinião, serviria da melhor forma possível essa formação, contemplando áreas como a Literatura, a História Contemporânea, os Estudos Narrativos. Embora nos pareça que o modelo proposto tem algumas fragilidades, negligenciando, por exemplo, um domínio fundamental como o domínio da língua, julgamos ser relevante a importância conferida a estas áreas das Ciências Humanas (Coelho, 2013, pp. 492-514).

Embora a construção de um modelo de formação não se compagine nem com o tempo nem com o espaço deste texto, nem deva, tão-pouco, ser pensado fora de uma dinâmica de grupo, tenta-se, com base nos pressupostos atrás explanados, sugerir um caminho formativo.

A primeira sugestão vai no sentido de transferir para o domínio da formação pós-graduada os cursos especializados de Jornalismo: como já atrás se referiu, seguindo um modelo norte-americano, a pós-graduação teria a grande vantagem de integrar como formandos licenciados em múltiplas áreas do saber, cujo encontro promoveria uma dinâmica interdisciplinar muito importante para profissionais que têm como missão cobrir o amplo campo da fenomenologia social. A este nível, o estudante deveria ter a formação específica ao saber e ao saber fazer jornalístico: domínio de técnicas de redação específicas da formação discursiva; contacto com os princípios deontológicos da profissão; desenvolvimento de competências do domínio das Ciências da Comunicação. De preferência, este ciclo de estudos deveria implicar uma profunda e sistemática

imersão em contexto de redação, pela qual o formando contactaria com as lógicas organizacionais da profissão.

Contudo, uma vez que a realidade académica europeia, e a portuguesa mais especificamente, tem investido sobretudo numa formação de dois ciclos de estudo, defende-se que as graduações em jornalismo têm forçosamente de ser de banda larga, possibilitando a aquisição de um conjunto vasto de saberes, determinantes quer para a compreensão da realidade social, quer para a sua mediação.

Partindo do princípio de que um jornalista, independentemente do *medium* para onde trabalhe, tem como função construir discursivamente os acontecimentos, a linguagem é a sua ferramenta básica. Dominar bem a língua em que escreve / fala é, parece-nos, absolutamente decisivo: assim, qualquer curso de jornalismo deve investir em unidades curriculares onde se ensine e trabalhe o **Português** (no caso dos cursos nacionais), quer escrito, quer falado, e a **Textualidade**, nas suas múltiplas dimensões de texto falado, escrito e multimédia. Neste âmbito ainda, a presença da **Cultura Literária** é relevante: o estudante

*Sendo o jornalismo
uma atividade
que se rege por um
código deontológico
e que implica
conceitos como
os de liberdade,
autonomia,
objetividade, isenção,
responsabilidade,
equidade, é essencial
que o aspirante a
jornalista perceba
conceptualmente
estes valores e que os
pense criticamente*

deve conhecer os grandes textos da literatura ocidental e, a partir deles, desenvolver a sua criatividade e o seu conhecimento da cultura em que vive¹². A um outro nível, o conhecimento da **História Contemporânea** é incontornável, quer seja a História Europeia e Mundial, quer seja a **História de Portugal**. Só a narrativa da história será capaz de fornecer os dados para se entender o presente, dotando-nos de ferramentas de problematização: os grandes conflitos, as grandes crises, as grandes decisões políticas, as principais organizações e instituições. O ensino da Filosofia, nomeadamente da Ética, permitirá a perceção das grandes correntes de pensamento e ajudará o estudante a formular questões e a interrogar o mundo que o rodeia. Para mais, sendo o jornalismo uma atividade que se rege por um código deontológico e que implica conceitos como os de liberdade, autonomia, objetividade, isenção, responsabilidade, equidade, é essencial que o aspirante a jornalista perceba conceptualmente estes valores e que os pense criticamente. Parece também evidente que

¹² Veja-se: Peixinho, 2013.

o domínio de conhecimentos de **Política**, nas suas vertentes de geografia, ciência e economia, é indispensável para perceber as dinâmicas do mundo e das sociedades.

Uma formação universitária em Jornalismo tem de estar preparada para conseguir dotar os estudantes de um conjunto de saberes e competências que lhes permitam: i) respeitar e entender as questões éticas e deontológicas inerentes à profissão; ii) compreender que o mundo multicultural e multilinguístico implica novos desafios éticos e formas mais elaboradas de mediação; iii) aceder a modelos de pensamento e interpretação mais sólidos; iv) pensar e resolver problemas mais complexos e sensíveis; v) resistir a pressões exógenas, mantendo o sentido crítico e a liberdade de pensamento e expressão; vi) selecionar e interpretar informação, que circula em excesso, sem critério e a grande velocidade.

Sem a pretensão de defender a existência de modelos únicos de formação, muito menos de ditar receitas pedagógico-científicas, esta é apenas uma hipótese de trabalho, que pode e deve ser amadurecida, desenvolvida e

discutida. Parece-nos, no entanto, que corresponde a um ideal de formação humanístico e universitário, no pleno sentido do termo, do qual a formação de jornalistas nunca se deveria ter afastado.

Bibliografia

Adam, S. (2010). Studying Journalism: a Civic and Literary Education. In S. Allan (Ed.). (2010). *The Routledge Companion to News and Journalism*. London / New York: Routledge, 627-637.

Cebrián, J.-L. (2015). Redes sociales y periodismo: las puertas, de par en par. In A. T. Peixinho, C. Camponez, J. Figueira e I. Vargues (Eds.), *20 Anos de Jornalismo Contra a Indiferença* (pp. 241-250). Coimbra: IUC.

Coelho, P. (2013). *A Formação Académica para o Jornalismo do Século XXI: sobre questões de prática e técnica. Jornalismo e mercado – os novos desafios colocados à formação*. Tese de doutoramento em Ciências da Comunicação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

Correia, J. C. (s/d). O ensino do jornalismo visto pelos jornalistas. *Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação*. Acedido a 12 de setembro de 2014, em <http://www.bocc.ubi.pt>.

Fidalgo, A. (s/d). O ensino do jornalismo no e para o século XXI. In *Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação*. Acedido a 12 de setembro de 2014, em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-antonio-ensino-jornalismo-internet.pdf>.

Finberg, H. (2012). The Future of Journalism Education. A Personal Perspective. In Knight Foundation. Acedido a 12 de setembro de 2014, em <http://www.knightfoundation.org/press-room/speech/journalism-education-reform-how-far-should-it-go/>.

Köhler, B. et alii (2010). *The slow media manifesto*. Acedido a 17 de setembro de 2014, em <http://en.slow-media.net/manifesto>.

Kovach, B. & Rosenstiel, T. (2004). *Os Elementos do Jornalismo – O que os profissionais do jornalismo devem saber e o público deve exigir*. Porto: Porto Editora.

Lopes, F. (2015). *Jornalista profissão ameaçada*. Lisboa: Alêtheia Editores.

- Marinho, S. (2006). Reflexão sobre a necessidade de um novo paradigma para o ensino do Jornalismo: o caso da Universidade de Columbia. *II Seminário Internacional Media, Jornalismo e Democracia* sobre Jornalismo e Actos de Democracia, organizado pelo *Centro de Investigação Media & Jornalismo*. Escola Superior de Comunicação Social - Instituto Politécnico de Lisboa. Acedido em 13 de dezembro de 2015. Em https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6102/1/MarinhoS_universidadecolumbia_06.pdf .
- Martins, M. L. (2010). “Prefácio” a *Metajornalismo. Quando o Jornalismo é sujeito do próprio discurso*. Coimbra: Grácio Editor.
- Mesquita, M. (2003). *O Quarto Equívoco*. Coimbra: Minerva.
- Mesquita, M. (1994). A Educação para o Jornalismo. Uma perspetiva sobre Portugal. In *INTERCOM. Revista Brasileira de Comunicação*, 2, 75-97.
- OBERCOM (2010). Desafios do Jornalismo. Acedido a 12 de agosto de 2014, em http://www.obercom.pt/client/?newsId=428&fileName=-desafios_do_jornalismo.pdf .
- Patterson, T. (2013). *Informing the News. The Need for Knowledge-Based Journalism*. New York: Vintage Books.
- Peixinho, A.T. (2013). O papel da literatura no ensino do jornalismo: algumas reflexões. In *Revista de Estudos Literários*, 3 (Ensino da Literatura), 231-256.
- Sousa, J. P. (2009). A discussão sobre a introdução do ensino superior do jornalismo em Portugal: das primeiras menções ao primeiro curso de graduação. In *Verso e Reverso. Revista da Comunicação*, 23 (54). Acedido a 14 de dezembro de 2014, em <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/5767/3137> (Consultado em dezembro de 2015).
- Stephens, M. (2010). Un manifeste pour l’enseignement du Journalisme”. In *Les Cahiers du Journalisme*, 21, 38-45.
- Teixeira, P. O. (2010). *O Ensino do jornalismo em Portugal. Uma história e análise dos planos curriculares*. Dissertação de mestrado da Universidade Fernando Pessoa. https://bdigital.ufp.pt/dspace/bitstream/10284/1681/1/DM_19061.pdf (consultado em 12/09/ 2014).
- UNESCO (2010). *Modelo Curricular da UNESCO para o ensino do Jornalismo*. Brasília: Unesco.